



CCB

Cidade
Aberta /

Mano a Mano

André Santos e Bruno Santos

JAZZ

Mano a Mano

Bruno Santos guitarra

André Santos guitarra

11 novembro 2017

Pequeno Auditório / 21h / M/6 anos

CCB - CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ELSÍO SUMMAVIELLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / LUÍSA TAVERNA VOGAL / SECRETARIADO JOÃO CARÉ / LUÍSA INÊS FERNANDES / RICARDO CERQUEIRA


DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CLINHA LEAL / FERNANDO LUÍS SAMPAIO / DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES / COORDENADORA PAULA FONSECA / PRODUÇÃO INÊS CORREIA / PATRÍCIA SILVA / HUGO CORTEZ / JOÃO LEMOS / VERA ROSA / DIREÇÃO DE CENA PEDRO RODRIGUES / PATRÍCIA COSTA / JOSÉ VALÉRIO / TÂNIA AFONSO / CATARINA SILVA / FRANCISCA RODRIGUES / SOFIA SANTOS / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES SOFIA MATOS

DEPARTAMENTO TÉCNICO COORDENADOR MÁRIO CAETANO / CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / ADJUNTO DA COORDENAÇÃO TÉCNICA PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUÍS SANTOS / RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS R. CÂNDIDO SANTOS / CÉSAR NUNES / JOSÉ CARLOS ALVES / HUGO CAMPOS / MÁRIO SILVA / RICARDO MELO / RUI CROÇA / HUGO COCHAT / DANIEL ROSA / JOÃO MOREIRA / FÁBIO RODRIGUES / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EDUARDO NASCIMENTO / PAULO CACHEIRO / NUNO RAMOS / MIGUEL NUNES / CHEFE DE MANUTENÇÃO PAULO SANTANA / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO LUÍS TEIXEIRA / VÍTOR HORTA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO TÉCNICO YOLANDA SEARA

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA
TEMPORADA 2017





“Eram pior que inimigos, eram irmãos”, escreveu o italiano Pitigrilli no seu compêndio de aforismos *A Decadência do Paradoxo*. Bruno e André Santos são dois guitarristas originários da Madeira. Irmãos, com uma significativa diferença de idades, conseguiram afirmar-se como instrumentistas notáveis na cena do jazz nacional, cada um com o seu estilo pessoal. Apesar de toda a proximidade entre irmãos existirá sempre alguma diferença, confronto e rivalidade. Os manos Santos decidiram canalizar essa energia para a música.

O guitarrista Bruno Santos (nascido em 1976) vem consolidando um percurso sólido na cena do jazz nacional, como guitarrista, compositor e professor. Director pedagógico da Escola de Jazz Luiz Villas Boas, do Hot Clube de Portugal, Santos dirige o Septeto de Jazz do Hot Clube de Portugal e nos últimos anos editou vários discos em nome próprio: *Wrong Way* (2005), *TrioAngular* (2007), *Ensemble* (2013) e *Caixa de Música* (2013).

André Santos (1986) é o irmão mais novo e está na fase inicial da sua carreira, também na área do jazz, também como guitarrista. Concluiu o mestrado no Conservatório de Amesterdão e, em 2013, editou um original disco de estreia, chamado *Ponto de Partida*, acompanhado por valores seguros da mais jovem geração do jazz nacional: Ricardo Toscano, João Hasselberg e João Pereira. Já em 2016, editou um novo disco, *Vitamina D*, desta vez gravado em trio com parceiros internacionais: Tristan Renfrow (bateria) e Matt Adomeit (contrabaixo). Além de uma evidente maturidade da linguagem do jazz, a sua música assume também um *flirt* com o rock.

Cada um dos irmãos já consolidou a sua forma particular de tocar e tem bem definido o seu estilo próprio. Apesar disso, juntaram-se para uma parceria musical que, além de dueto, é também um duelo. Além de entrelaçarem as guitarras à volta de *standards* intemporais e clássicos açucarados da música brasileira, os manos Santos aproveitam os espaços abertos à improvisação para se desafiarem, um diálogo instrumental que assume a forma de uma saudável provocação.

O duo de irmãos nasceu em casa. Conta o irmão mais novo, André Santos: “Começámos a tocar juntos lá em casa e no início eu fazia alguns acordes enquanto ele treinava umas improvisações... Depois começámos a tocar *standards* e a coisa foi evoluindo, pois temos uma boa química e uma visão musical idêntica.” O irmão mais novo confessa que começou a interessar-se pela prática musical por influência directa de Bruno: “Comecei a tocar porque o meu irmão andava lá por casa a tocar, tinha a guitarra à mão de semear e às tantas comecei a experimentar. Ainda não percebi porque virei a guitarra para o lado esquerdo, porque eu sou destro... Tenho uma teoria, que não sei se é bem verdade: eu via o meu irmão a tocar e acho que foi uma espécie de efeito de espelho. Por isso, sim, o meu irmão foi determinante.”



Para André, tocar com o irmão mais velho é fácil: “Damo-nos muito bem e isso faz com que a música que tocamos seja fluida e feita de forma genuína. Apesar de parecermos diferentes, temos muitas referências em comum e acho que nos complementamos bem.” O baterista americano Tristan Renfrow, que toca no segundo disco de André, comentou sobre o duo Mano a Mano: “Vocês tocam a mesma coisa mas com palavras diferentes”. André não contradiz a afirmação: “Tocamos à vontade um com o outro, percebemos as opções que cada um toma no momento e temos muita liberdade. Damo-nos bem tanto pessoalmente como musicalmente e acho que temos mesmo uma química especial.”

O duo editou o seu disco de estreia, homónimo, no ano de 2014, que contou com o apoio de uma secção rítmica. É agora editado o segundo volume de Mano a Mano, desta vez mais despido, servindo-se apenas das guitarras dos irmãos. O irmão mais novo apresenta o álbum: “A principal diferença deste segundo disco é ser somente em duo. Partindo dessa premissa, estivemos a pensar em como poderíamos manter o repertório cativante durante um disco ou concerto inteiros. Começámos por aliar ao nosso som acústico, o som eléctrico, acrescentando efeitos à guitarra em alguns temas.” Continua André: “Para este disco trabalhámos durante mais tempo juntos a questão dos arranjos e dos temas originais, como uma banda de garagem experimenta até chegar a uma versão quase definitiva.”

A dupla trabalha um repertório que combina temas originais, velhos *standards* de jazz e clássicos da MPB. Para André, a escolha dos temas é fácil: “Vamos sugerindo temas de que gostamos e que funcionam. A maioria dos temas que não são nossos têm uma história qualquer, um deles estava presente no primeiro disco que o meu irmão me ofereceu.” O que poderemos esperar então deste concerto no Centro Cultural de Belém? André Santos promete “uma forte empatia pessoal e musical, num cenário a fazer lembrar a nossa sala de estar, onde tudo começou, como se recebêssemos o público em nossa casa. Quem lá for, sairá de lá mais alegre.” A promessa está feita.

Nuno Catarino

O autor escreve segundo a antiga ortografia

BIOGRAFIAS



O DUO

Mano a Mano é o duo formado pelos irmãos André e Bruno Santos, dois guitarristas com um vasto percurso musical, maioritariamente no estilo jazz, onde são considerados dois dos mais importantes músicos a nível nacional.

Neste duo, que resulta de uma forte empatia entre os dois irmãos, a escolha de repertório é baseada em originais escritos ou adaptados especificamente para o duo, e arranjos de canções de autores como Tom Jobim, Chico Buarque, Max, Jim Hall, Irving Berlin ou Thelonious Monk, que os manos foram descobrindo e partilhando ao longo dos anos. O primeiro disco, editado em 2014 de forma independente com o apoio de uma campanha de *crowdfunding* muito bem-sucedida, que contou com cerca de uma centena de participantes, foi apresentado em diversas salas do país, num total de cerca de 40 concertos, e gerou várias críticas nacionais e internacionais, despertando também o interesse de vários músicos.

O NOVO DISCO

Para este segundo disco, *Mano a Mano Vol. 2*, os manos Santos focam-se somente no “duelo” de guitarras, com repertório dinâmico, que incorpora momentos de virtuosismo, elegância e humor, explorando as inúmeras possibilidades deste formato. Dando primazia ao som acústico, André e Bruno exploram várias formas de diversificar os seus arranjos, usando, por exemplo, processamento de som e técnicas percussivas. Outra das novidades é a inclusão do braguinha/machete em alguns temas, um instrumento tradicional madeirense, da família dos cavaquinhos, que, para além de criar dinâmica no repertório, explora e incita a novas abordagens neste e noutros cordofones tradicionais.



FOTOGRAFIA © PAULO SEGADÃES

BRUNO SANTOS

Inicia os seus estudos musicais aos 17 anos, ainda residente na Madeira, no Conservatório do Funchal. Dois anos depois frequenta o Conservatório de Faro. Ingressa na Escola de Jazz Luiz Villas Boas (Hot Clube Portugal) em fevereiro de 1998. Paralelamente, participa em vários *workshops* de jazz, destacando-se os orientados por: Gregory Tardy e Phil Markowitz. Em 1999, representa o Hot Clube Portugal no IASJ Meeting, orientado por Dave Liebman. Em 2000, começa a lecionar no Hot Clube, em 2001 na Escola de Jazz do Barreiro e no curso de Jazz do Conservatório da Madeira. Em 2009, assume a coordenação pedagógica da Escola de Jazz Luiz Villas Boas, onde ainda se mantém, acumulando com o cargo de vice-presidente da direção do HCP. Leciona presentemente no curso superior e mestrado jazz da ESML (Escola Superior de Música de Lisboa). Em 2014, foi-lhe atribuído o título de “especialista” na área do jazz, pela ESML.

Tocou com músicos como Bernardo Moreira, João Moreira, Rodrigo Gonçalves, Bruno Pedroso, Nelson Cascais, Bernardo Sassetti, Lena d'Água, Rui Veloso, Carlos do Carmo, Claus Nymark, Kris Bauman, Jorge Reis, Pedro Moreira, Sara Serpa, Marta Hugon, Laurent Filipe, Carlos Martins, André Sousa Machado, Filipe Melo, Afonso Pais, Alexandre Frazão, Carlos Barretto, Joana Machado, Mariana Norton, Mário Laginha, Mário Delgado, Maria João, Perico Sambeat, Chris Cheek, Marcos Cavaleiro, Donald Harrison, Herb Geller, Julien Arguelles, Demian Cabaud, Paulinho Braga, Jesse Davis, Peter Bernstein, Omer Avital, Ronan Guilfoyle, Karlheinz Miklin, Matthias Spillman, Pekka Pylkkanen, Ed Neumeister, Benny Golson, John Ellis, Seamus Blake, Guillermo Klein, Jerry Gonzalez, entre outros.



FOTOGRAFIA © PAULO SEGADÊS

ANDRÉ SANTOS

Natural da esplendorosa ilha da Madeira, André Santos despertou cedo para a música por influência do seu irmão mais velho, Bruno Santos, com quem aprendeu os primeiros acordes à guitarra.

Desde 2011, ano em que terminou a licenciatura Jazz na Escola Superior de Música de Lisboa, André Santos estabeleceu-se como um guitarrista de amplos interesses, sendo requisitado para os mais diversos projetos, como L.A. New Mainstream, Jeffrey Davis/Marc Miralta Quartet, Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal ou a Orquestra de Jazz de Matosinhos.

Foi ainda convidado para participar nos discos *Fragmentz*, de Sara Serpa, *Cabeça de nuvem só tem coração*, de Gonçalo Marques, *O Mistério*, de Teresa Salgueiro, *Benespera*, de Demian Cabaud, e *Prólogo*, de António Quintino.

Já atuou em vários países como: Espanha, França, Holanda, Suécia, Polónia, Itália, Roménia, Sérvia, Montenegro, Macau, Estados Unidos da América e México.

Como líder, lançou, em 2013, pela TOAP Records, o seu primeiro disco, *Ponto de Partida*, com um quarteto composto por Ricardo Toscano, no saxofone, João Hasselberg, no contrabaixo, e João Lopes Pereira, na bateria, o mesmo grupo com o qual recebeu o prémio de Melhor Combo na 25.ª edição do Prémio Jovens Músicos. Este disco, que contou com o apoio da Bolsa Jovens Criadores 2013, recebeu excelentes críticas nacionais e internacionais e foi apresentado em vários festivais e salas de concerto em Portugal como: Hot Clube de Portugal, Casa das Mudanças, Festa do Jazz 2015 e no *after-hours* do Funchal Jazz Festival 2014.

Em março de 2014, gravou o primeiro disco com Mano a Mano, banda que colidira com o seu irmão, também guitarrista, Bruno Santos. Este disco foi editado em dezembro do mesmo ano, após uma campanha de *crowdfunding* muito bem-sucedida.

Mudou-se para Amsterdão em setembro de 2014

para fazer o mestrado em Estudos de Jazz, no Conservatorium van Amsterdam, onde estudou com Jesse Van Ruller, Maarten van der Grinten, Martijn Van Iterson, Jasper Bloom, Arnold Dooyeweerd, Yaniv Nachum e Harmen Fraanje. Aqui, formou o seu novo grupo, desta vez em trio, com o baterista Tristan Renfrow e o contrabaixista Matt Adomeit, que viria a dar origem a um novo disco de originais, intitulado *Vitamina D*, lançado em agosto de 2016 pela editora independente Robalo Music.

Em setembro de 2015, viveu durante quatro meses em Filadélfia, ao abrigo de um programa de intercâmbio entre o Conservatorium van Amsterdam e a Temple University, onde estudou com Dick Oatts, John Swana, Greg Kettinger, Dave Wong e Ben Schachter.

Neste período, teve aulas privadas com Ben Monder, Sérgio Krakowski, Chris Cheek e Jacob Sacks.

Durante estes dois anos atuou com vários músicos como Vinnie Sperrazza, Xan Campos, Pat Cleaver, André Carvalho, Chris Cheek, Peter Brendler, Rogerio Boccato, Gianni Gagliardi, Pablo Menares e Jesse Simpson, em salas de concerto e clubes de jazz como Bimhuis, The Shrine, The Bar Next Door, Silvana, Club Bonafide e Rockwood Music Hall.

Em maio de 2016, concluiu o seu mestrado (9/10 valores) que teve como assunto de tese os cordofones madeirenses, numa investigação chamada *CHORDOPHONIA: A new repertoire for Braguinha, Rajão e Viola d'Arame*. Este interesse e investigação sobre os cordofones e música tradicional madeirense deram origem a novas parcerias e desafios, como foi o caso do convite feito pelo Festival d'Aix para fazer parte da Orquestra de Jovens do Mediterrâneo, usando não só a guitarra, mas também os cordofones rajão e braguinha. Recebeu também o convite para diretor musical do projeto MUTRAMA, que visa revisitar a música tradicional madeirense com arranjos modernos e recuperar o repertório esquecido no tempo.



16 novembro

Sala Luís de Freitas Branco
19h / M/6

Coprodução CCB/Antena 2

A não perder

Quintas às 7

Gonçalo Lélis e Enrique Lapaz

LUDWIG VAN BEETHOVEN SONATA PARA VIOLONCELO
E PIANO N.º 4 EM DÓ MAIOR, OP. 102 N1

IGOR STRAVINSKI SUITE ITALIENNE

SERGEI PROKOFIEV SONATA PARA VIOLONCELO
E PIANO EM DÓ MAIOR, OP. 119

BOHUSLAV MARTINŮ VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE ROSSINI H.290

Em 1948, Sergei Prokofiev foi acusado pela doutrina cultural de Zhdanov de formalismo, o que levou a que a sua música fosse, então, banida. Um ano depois, compôs a sua Sonata para violoncelo e piano em Dó maior, op. 119, mesmo sem ter a certeza se a mesma seria interpretada em público. A par desta sonata, o recital de Gonçalo Lélis e Enrique Lapaz integra a Sonata para violoncelo e piano n.º 4, em Dó maior, op. 102 n1 de Beethoven, composta entre 1812 e 1817, numa altura em que o compositor atravessava duras dificuldades, provenientes de a sua surdez se estar a tornar cada vez mais profunda. Do recital fazem ainda parte a *Suite Italienne*, retirada da música que Stravinski compôs para o ballet de Pergolesi, *Pulcinella*, e *Variações sobre um tema de Rossini*, de B. Martinů.

SIGA-NOS

www.ccb.pt



YouTube



TEL 1820

#ccbelem
#amigoccb



UMA BOA IDEIA

FORMULÁRIO/INSCRIÇÃO ONLINE EM WWW.CCB.PT

OUTROS DESCONTOS

Só aplicados a bilhetes superiores a 12€ para espetáculos com Produção CCB

- 30% Desconto Cartão Amigo CCB (Individual, Sénior, Jovem e Família)
- 50% para bilhetes de última hora, a partir de 30 minutos antes do início do espetáculo (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira do CCB)
- 20% para menores de 25 anos e maiores de 65 (exceto 1ª Plateia no Grande Auditório)
- 10% para titulares do cartão PNAAC (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
- 25% para clientes da CP (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
- 50% para desempregados (contra apresentação de comprovativo do IEFP, apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
- Quota limitada de bilhetes a 5€ para estudantes e profissionais de espetáculo. Desconto válido exclusivamente para o 2.º balcão do Grande Auditório e para Laterais no Pequeno Auditório (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira CCB)